

DOI: 10.18468/pracs.2018v11n2.p191-209

O método etnográfico: uma reflexão a partir de Catingueira – PB¹

Antonio Luiz da Silva¹

¹ Doutorado em Psicologia (UFRN); Mestre em Antropologia (UFPB); Licenciatura plena em Psicologia (UEPB); Formação de Psicólogo (UEPB), Brasil. E-mail: tonlusi@hotmail.com

RESUMO: Este artigo discutirá sobre algumas características da etnografia na cena acadêmica contemporânea. Mesmo reconhecendo sua expansão para vários campos, entende que seu nascedouro encontra-se na prática antropológica. Compreende que, como método, a etnografia pode ser vista como uma descrição densa de determinada realidade humana, e que, por sua prática e natureza, acaba sendo também uma imersão na profundidade do vivido social. Como nem sempre esse vivido acontece de modo 'auto-revelado', defende que enquanto método ela ainda é tradução reflexiva e interpretação dos modos de vidas e das culturas pesquisadas. Além disso, como em campo o pesquisador acaba ficando submerso numa rotina que não é a sua, o texto observará que sua ação só pode ocorrer a partir de um engajamento na vida social do grupo investigado, o que tem consequências para ambos, grupo e investigador. Por fim, alega que a etnografia é método, processo e produto intelectual.

Palavras-chave: Etnografia; Método; Pesquisa.

The ethnographic method: a reflection from Catingueira - PB

ABSTRACT: In this article we will discuss some characteristics of ethnography in contemporary research. Even acknowledging its expansion in several fields, we will indicate that ethnography was born in anthropological practice. We will emphasize that ethnography can be recognized as a dense description of human reality researched. By its practice and nature, we will say that ethnography can be accepted as an immersion in the depth of social life. As life is not easily understood, we will still argue that ethnography is a reflexive translation and an interpretation of life and cultures. We will observe that in the field the researcher performs activities very different from his routine. Thus, their action can only occur within an engagement in the life of the investigated group, and this situation has consequences for the research and the community investigated. Finally, we will affirm that ethnography is method, process and intellectual product.

Keywords: Ethnography; Method; Research.

ENTRANDO DE FININHO NO TEMA

No presente artigo tenho por objetivo refletir sobre a etnografia, o método que venho

¹ Agradeço ao Prof. Herculano R. Campos (UFRN) pelas discussões e indagações sempre pertinentes na elaboração do presente trabalho, à Profa. Raquel Diniz (UFRN) por ter, de alguma maneira, visto neste conjunto de argumento alguma utilidade prática, me incentivando a reescrevê-lo, à Patrícia Oliveira (UFCEG) pela leitura criteriosa e sugestiva desta versão.

utilizando em meu caminho pós-graduado, pensando de modo particular sobre algumas de suas características na cena acadêmica contemporânea. Contudo, antes de adentrar propriamente no mais grosso desse assunto, imagino importante pontuar alguns de seus aspectos gerais, sobretudo, porque geralmente acontece alguma confusão quando alguém a ela se refere estando às margens do seu mundo originário.

Um ponto que merece destaque é linguagem etnográfica. Comumente ela causa incômodo a um pesquisador de fora do seu universo. Nos meios acadêmicos, mesmo que não seja regra fechada e imutável, se imagina sempre de bom tom uma escrita impessoal, feita a partir de um olhar distanciado, que vai do intelectualmente não ‘contaminado’ ao ‘asséptico’. No universo da etnografia, bem ao contrário, a escrita que ela produz é sempre implicada, engajada. Nela o autor assume-se uma espécie de porta-voz de um tema, de uma causa, do grupo pesquisado em muitos casos, o que torna difícil o ‘desmisturamento’ acadêmico preconizado em outros modos de fazer pesquisas.

E, nesse sentido, apesar da possibilidade de hoje se criticar a autoridade dos etnógrafos, uma vez que: “O silêncio da oficina etnográfica foi quebrado – por insistentes vozes heteroglotas e pelo ruído da escrita de outras penas” (CLIFFORD, 1998, p. 22), não é possível negar que alguém esteve lá, que alguém viu, que alguém observou participando, e este alguém vai descrever, na qualidade de autor. Talvez, por isso, no grosso do seu volume, os relatos costumem ser escritos muito na primeira pessoa do singular. No meu caso específico, mesmo que, por ventura, se imprima nisso uma autoridade exagerada, tenho também adotado esta posição depois de longo trabalho pessoal interno.

Outro ponto para o qual chamo a atenção diz respeito aos objetivos do trabalho de campo numa pesquisa etnográfica. Dizer que um trabalho de campo, seja ele qual for, antes de qualquer propósito, tem entre seus objetivos fazer uma etnografia disso ou daquilo, para um psicólogo ou para um educador, por exemplo, pode ocasionar enorme estranhamento. Como assim? Etnografia é método e objetivo ao mesmo tempo? Comumente os praticantes desse método dizem: “Vou fazer campo”, “Vou fazer pesquisa de campo em tal lugar”, “Estou voltando do campo”, referindo-se à experiência etnográfica, estando nessas expressões o entendimento de que os praticantes estão tratando do fazer etnográfico. Pois bem, isso é extremamente legítimo na comunidade daqueles que a praticam, mesmo que alguns critiquem o uso exagerado e até o abuso das expressões utilizadas para significar esse fazer (INGOLD, 2016). Assim, fazer campo e etnografar quase que se confundem no linguajar de seus praticantes, embora todo etnógrafo saiba que no campo acontece apenas a ‘gestação’ da etnografia. O ‘parto’ etnográfico, propriamente dito, ocorre em esferas outras, no silêncio da ‘camarinha/oficina’ do pesquisador, bem após a pesquisa feita.

Para iluminar as questões que pretendo discutir abaixo, como deixei expresso no subtítulo deste trabalho, em alguns momentos vou trazer minha experiência prática no município de Catingueira - PB, uma cidade de aproximadamente 05 mil habitantes, localizada no Sertão paraibano e nordestino². Venho realizando pesquisas naquela comunidade desde

² Este artigo, com ligeiras modificações, é parte de minha tese de doutoramento, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia, defendida na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

2011, inicialmente para o mestrado e depois para o doutorado. Porém, devo lembrar que antes de mim outros pesquisadores lá estabeleceram suas investigações e depois de mais de uma década e meia de trabalho de campo muitas publicações já vieram à luz³.

Apenas com fins didáticos, na tentativa de melhor aprofundar a temática aqui proposta, dividi o material deste artigo em sete tópicos. Seguirei refletindo sobre as origens do método etnográfico e, mesmo reconhecendo sua expansão para vários campos, apontarei que seu nascedouro se encontra nos primórdios da prática antropológica. Depois, defenderei que a etnografia é método e procuro destrinchar o que estou entendendo por essa expressão. A seguir, afirmarei que ela é uma descrição densa e interpretativa de determinada realidade humana. Num passo seguinte, destacarei que, por sua prática e natureza, ela é também uma imersão na profundidade do vivido social. Como nem sempre esse vivido acontece de modo ‘auto-revelado’, dando continuidade ao argumento, explanarei que enquanto método ela ainda é tradução reflexiva e interpretação dos modos de vida e da cultura do povo pesquisado. Depois, como em campo o pesquisador tende a ficar submerso numa rotina que não é a sua, defenderei que sua ação só pode ocorrer a partir de um engajamento diferenciado na vida social do grupo investigado, o que tem consequências tanto para a pesquisa e para o pesquisador quanto para o grupo investigado. Por derradeiro, indicarei que a etnografia é método, processo e produto intelectual. Espero que na medida em que a caracterização for avançando uma imagem se vá construindo a seu respeito.

PERGUNTAR NÃO OFENDE: A ETNOGRAFIA, DE ONDE VEM?

Mesmo que transpareça em fina ironia, tem muito sentido a fala de Marisa Peirano (2009, p. 57) ao dizer que “A etnografia está na moda”. Não é possível saber exatamente se a etnografia entrou na moda porque superou o olhar suspeito que se tinha sobre ela, o mesmo que havia sobre os métodos qualitativos de um modo geral, ou se foi porque ela nunca se importou com essa mirada mais arreada e seguiu fazendo o seu caminho. Fato é que a adesão a ela se encontra garantida em muitas áreas e não apenas naquela que constitui seu berço de origem...

De qualquer forma, a etnografia não é um método novo. Como indicam Pereira e Santos (2015, p. 156): “A origem da etnografia provém da antropologia social e surgiu da necessidade de compreender as relações socioculturais, os comportamentos, ritos, técnicas, saberes e práticas das sociedades até então desconhecidas”. Sociedade que foi também chamada de ‘primitiva’ ou dos ‘povos primitivos’ nos primórdios da antropologia. Então, mesmo que a etnografia se projete nos mais diferentes campos dos saberes humanos e sociais é preciso ter em mente que ela é uma experiência oriunda do contato dos antropólogos com povos os mais diversos possíveis em vários ambientes humanos.

³ Aqui vale uma referência especial ao trabalho da Profa. Flávia Pires (UFPB) e de vários membros do grupo de pesquisa CRIAS/UFPB, com produções ao redor da infância, crianças, religião, consumo, políticas públicas, repasse de renda, condicionalidades, Programa Bolsa Família, futebol, direitos infantis, participação política infantil, etc..

O argumento acima também poderia ser dito de um modo diferente, me parece que sem grande prejuízo, pois como sinaliza Mariza Peirano (2014, p. 380): “[...] a etnografia é a ideia-mãe da antropologia [...]”. Uma expressão que, olhada na ligeireza da leitura, parece significar que o método veio primeiro e inaugurou um campo disciplinar. Mas, se isso foi, ao que tudo indica, não há problema; ambos, saber e método estão unidos. Como querendo ‘abençoar’ esse ‘enganchamento’ primordial, afirma Agier (2015, p. 11): “Reciprocamente, não há antropologia sem etnografia, pois a descoberta do outro que funda o saber dos antropólogos só pode ser uma aventura pessoal, marcante e sempre renovada”. E nesse sentido tanto o método precisa da ciência quanto a ciência necessita do método.

Num esforço de demarcação e precisão histórica, o método etnográfico “[...] começou a ser usado pelos antropólogos em fins do século XIX e início do século XX, baseado na ideia de que apenas inserido no ambiente do nativo, em contado com a dinâmica, é que se poderia produzir um conhecimento efetivo” (SOUZA NETO & AMARAL, 2011, p. 494). É justo também acrescentar que antes de se inserirem em ambientes nativos os antropólogos fizeram trabalhos ‘com dados de campos’, se utilizando de estratégias as mais ‘inovadoras’ e/ou ‘adaptadas’ possíveis. Nesse sentido, é importante registrar que o método etnográfico e a disciplina em questão têm uma espécie de pré-história. Pois naquela antropologia incipiente e naquele ‘arremedo’ de etnografia nascente, antes de irem ao campo com o intuito de eles próprios selecionarem seus dados, muitos pensadores lançaram mão de leituras de diários ou se submeteram à escuta paciente de experiências de missionários que tiveram contatos com os diferentes povos que lhes interessavam. Além disso, num passo seguinte, os ‘pesquisadores’ também, como que sentindo a necessidade de um dado mais refinado, deram treinamentos a funcionários coloniais para que esses procedessem à aplicação de questionários e coletassem informações junto às pessoas de comunidades colonizadas, etc.

No entanto, da forma ‘mais moderna’ como passou a ser reconhecida academicamente, a etnografia deve muito à criatividade do grande Malinowski (1984), tendo este aprofundado de modo muito especial a observação participante, que em meio às outras técnicas, pode ser vista como uma das principais ferramentas do trabalho de campo. Assim, desde os primórdios do século passado (Século XX), por conta de sua invenção ou ‘(re)invenção’ da etnografia, não sem motivo, esse autor tem ficado, conforme Marisa Peirano (1995, p. 16): “[...] conhecido pela obsessão pelo *native's point of view*”. Com ou sem consciência, por circunstâncias históricas ou por deliberação intuída, Malinowski deu, em grande medida, o ‘tom’ do fazer etnográfico. E a partir dele estava lançada a luz da questão metodológica. A partir de então se espera do etnógrafo, nas palavras de Lage (2009, p. 5), a “[...] compreensão do mundo nativo em seus próprios termos”. E para atingir o outro, sob a perspectiva etnográfica, é preciso, de fato, uma escuta mais acurada e uma mirada mais demorada. E isso só se consegue quando se vai viver no meio pesquisado.

SIM, A ETNOGRAFIA É MÉTODO

Penso que para a continuidade desse entendimento importa aqui conceber e esclarecer

a etnografia como um método. Claro, um método com características próprias. Mas o que estou entendendo por método? Em princípio, já para dirimir possíveis dúvidas, asseguro que ao usar a expressão ‘método’ imprimo nela uma diferenciação didática, separando-a tanto de técnica quanto de metodologia. Nesse sentido me apoio em Mary Rangel (2007). E mesmo esclarecendo que ela está falando a partir da educação e para educadores, manifesto minha comunhão com a compreensão apresentada por ela porque penso que o seu entendimento a esse texto se aplica. Em sua concepção: “A origem da palavra “método” justifica-se pela existência de um caminho, de um meio, para se chegar a um ou vários objetivos” (RANGEL, 2007, p. 9). E quando se refere à técnica, é como segue a sua reflexão: “Já a palavra “técnica” tem sua origem justificada no “como fazer” o trabalho, como desenvolver seu processo de construção, seus procedimentos, seu encaminhamento” (RANGEL, 2007, p. 9). O método seria então um caminho de natureza mais ‘espiritual’, ‘imaterial’, ‘teórico’, portanto mais amplo, um argumento, uma abstração mais elaborada, uma inspiração a ser seguida. A técnica seria a materialização desse espírito, a concretização dessa inspiração num ‘artefato’, num produto intelectual de captura de dados e/ou na ‘encarnação’ dessa abstração numa engrenagem material para a coleta de informação. Nas palavras de Rangel (2007, p. 9): “Assim, o método é o caminho, e a técnica é “como fazer”, “como percorrer” esse caminho”.

Entendendo método no sentido de caminho, percurso intelectual e acadêmico, utilizado para a consecução de um objetivo em ciência, é preciso dizer que a etnografia é também um jeito próprio de se posicionar dentro daquele conjunto de métodos qualitativos. Porém, esse qualitativo não indica que a etnografia esteja proibida de se acercar de técnicas de quantificação. Logo, chamá-la de método qualitativo não significa uma oposição radical ao senso quantitativo.

Como qualquer outro método mais inclinado ao qualitativo, ao vivencial e experiencial, ao descritivo e explicativo, a etnografia tem suas técnicas, ou suas ferramentas de colecionar informes. Conforme Thiago Bogossian (2017, p. 24): “Esse método envolve a observação, a participação, a descrição e o registro dos fenômenos do grupo social que o pesquisador está estudando – “o outro”. O outro a partir dele mesmo”. Nesse aspecto a etnografia sendo o método, a observação participante, o caderno de campo, o gravador, a máquina fotográfica, etc, ocupariam o importante lugar reservado às técnicas registradoras das informações.

Contudo, ao refletir sobre essa diferenciação entre método e técnicas, devo afirmar também que outros entendimentos serão possíveis a esse respeito. Assim, ao tentarem definir a etnografia afirmam, Hammersley e Atkinson (2008, p. 15): “Entendemos o termo como uma referência que alude principalmente a um método ou ao um conjunto de métodos”. Lembro ainda que tem aparecido de modo bastante impreciso, especialmente na fala corriqueira, a substituição do método pela técnica, mesmo naqueles que investigam a partir da etnografia. Muitos podem utilizar a observação participante, que em meu entendimento é uma técnica entre muitas outras, no lugar da própria etnografia, que meu compreender indica-a como sendo o método.

Caracterizando a etnografia enquanto método, Souza Neto e Amaral (2011) afirmam

que ela se baseia “na pesquisa de campo, o que implica numa personalização do método de acordo com o objeto de estudo” (p. 9). Ainda na opinião desses autores trata-se de um método “indutivo, ao passo que existe a possibilidade de um acúmulo” (p. 9). Além disso, é um método “dialógico, pois o nativo tomado como objeto pode discutir as interpretações do pesquisador” (p. 9). Interessante, não? Essa característica não está presente na maioria dos métodos. E por derradeiro asseguram ser a etnografia um método “holístico, pois se busca um relato mais completo possível sobre o estudado” (p. 9). Essa característica assegura que um determinado ‘ponto’ nunca pode ser tomado como elemento solto, uma vez que qualquer ‘ponto’ só fala em seu conjunto.

Já para Corsaro (2009), como método a etnografia tem ao menos três características: é sustentável e comprometida, é microscópica e holística, é flexível e autocorretiva. Em suas palavras, esse método em primeiro lugar: “[...] envolve um trabalho prolongado no campo, onde o pesquisador tem acesso ao grupo social e conduz uma observação intensiva por um período de meses ou anos” (p. 84). Em segundo, ele afirma que: “[...] é necessário não apenas examinar ações microscopicamente, mas contextualizá-las mais holisticamente, de forma a descrever com sucesso o evento como ele foi entendido pelos próprios atores” (p. 86). E eu penso que em alguma medida a etnografia entende que o ‘grão de areia’ pertence ao ‘vendaval’. E, por fim, para o referido autor: “A flexibilidade e a natureza autocorretiva da etnografia aplicam-se não apenas às questões de pesquisa e à coleta de dados, mas também à análise dos dados” (p. 87). Justifica-se aqui o perguntar sempre, o não ter medo de voltar para olhar de novo e mais uma vez.

Acrescento que embora nomeando a etnografia de método, devo aludir que alguns pesquisadores se sentem mais confortáveis chamando-a de abordagem etnográfica (MATTOS, 2011), inspiração etnográfica (CORSO, CAVEDON & FREITAS, 2015), enfoque etnográfico (CERLETTI, 2013), perspectiva etnográfica (RAMOS, 2014), etc. Intuo que o desconforto ao mirá-la e grafá-la como método advém justo da comparação que comumente se faz entre o modo quantitativo e/ou qualitativo de se operacionalizar as pesquisas em ciência e na academia.

Em autores que nesse texto estão citados é ainda possível encontrar a etnografia como uma disposição, com características mais subjetivas e impalpáveis. Seria possível chegar a um acordo? Tarefa bem difícil. Seguindo o indicativo dos pensadores acima e abaixo citados ou referenciados, tomando a etnografia como caminho aplicado às ciências, e também como caminho experiencial, aqui em oposição ao experimental e laboratorial, depois dessa breve explicação, indico que usarei, indistintamente, todas as demais expressões.

A ETNOGRAFIA É UMA DESCRIÇÃO INTERPRETATIVA

A respeito da etnografia, conforme Tim Ingold (2016, p. 405-406): “Embora os antropólogos, normalmente, não consultem dicionários em busca de definições legítimas, outros podem fazê-lo, e eis o que encontrariam: “Uma descrição científica das raças e povos com seus costumes, hábitos e diferenças mútuas””. Mas essa explicação de dicionários na visão do referido autor também seria bastante problemática. Pois no entender de Tim Ingold

(2016, p. 406): “Isso soa irremediavelmente anacrônico. Imediatamente, seria removida qualquer referência à raça”.

Como caminho experiencial e não experimental, no sentido de laboratório, é preciso dizer que toda etnografia é descrição por primeiro. É descrição como tentativa de fidelidade à alteridade. É descrição do outro. Chamo bem a atenção para esse aspecto. Conforme Geertz (2008), a etnografia é uma “descrição densa” de todos os aspectos relacionais de uma cultura, de modo a integrá-los no todo da experiência vivida num determinado campo. Mas, como acrescenta Diana Milstein (2015, p. 196): “As descrições etnográficas são informes narrativos e interpretativos baseados em dados organizados como evidências que especificam aquilo que é necessário conhecer para que os acontecimentos se tornem inteligíveis”. A etnografia entende que tudo o que acontece em campo tem um sentido ou vários. A vida, por mais ‘emaranhada’ que pareça, está conectada, tecida complexa e conjuntamente. Assim, para Ingold (2016, p. 406): “A descrição etnográfica, pode-se dizer, é mais uma arte que uma ciência, mas não menos precisa ou verdadeira”.

A etnografia em sua descrição se preocupa com o todo social, observando que esse ‘todo’, objeto de interesse da etnografia, é específico, diz respeito a um contexto, a um enredo situado na história e na geografia. Esse todo posto em relevo diz respeito aos achados e ao vivido em campo. A partir da perspectiva etnográfica, o pesquisador entende que a vida de um povo olhada em frangalhos pode parecer uma experiência tosca. A Catingueira, campo que ocupa meu olhar, vista de cima da serra pode ser até bela, mas incompreensível. Vista apenas a partir de seus adultos, ficaria incompleta. Olhada somente a partir de suas elites, o que acrescentaria? A história não foi sempre contada a partir dessa ótica? De certo por isso, hoje, uma parte dos historiadores já sente a necessidade de ‘escavar’ outras fontes para ‘amarrar’ outras pontas do tecido social humano. A descrição tem de ‘costurar’ a maioria dos pontos que estiverem ao alcance do pesquisador.

Na etnografia, se não há impedimentos relevantes do ponto de vista moral, tudo o que foi olhado e vivenciado pode ser dito. Nesse aspecto, mesmo que não estejam se reportando à etnografia, comungo com aquilo que afirmam Veronese e Guareschi (2006, p. 89): “Não há experiência humana que não possa ser descrita em uma narrativa”.

Por meio de suas técnicas, a etnografia vai cercando seu objeto por diversos lados até obter uma compreensão mais ampla dele e de suas manifestações enquanto fenômeno que está inserido numa determinada teia relacional. Mas, é bom não esquecer, como pensam os autores acima referidos: “Dependendo do contexto, o próprio ato de narrar pode alterar sentimentos ou mesmo acontecimentos” (VERONESE & GUARESCHI, 2006, p. 89). Isso não quer dizer, necessariamente, que o autor narrante passe a mentir deslavadamente. Mas é possível que ao contar e recontar as narrativas ele passe a reconfigurar seus dados. Aliás, nenhuma narrativa é neutra ou asséptica. Cada narrador faz sua narrativa a partir da sua percepção. E nesse sentido, os depoimentos, as descrições são importantes, no sentido de corroborar ou contestar as percepções, inclusive do narrador/autor de texto etnográfico.

Ao trazer essa discussão penso quantas vezes precisei reler a experiência de ser posto sob a suspeita de possível abusador de crianças em Catingueira (SILVA, 2013; SILVA, 2014,

SILVA, 2015), poderia ter ficado com a primeira e destroçante experiência. Poderia ter abandonado o campo. Mas, me senti na obrigação de ‘espionar’ bem o que aquela ‘suspeição’ me queria ou poderia dizer. E cada vez ela me ensinou coisas novas, claro que fiz isso porque tinha elementos de pensadores locais.

A descrição etnográfica não se contenta apenas com um dos lados. Como mostra Corsaro (2009, p. 85): “De modo a assegurar que a generalização feita seja válida culturalmente, os etnógrafos devem estar fundamentados na acumulação das especificidades do cotidiano e nas reflexões dos participantes sobre elas”. Assim, a descrição precisa se aprofundar e se ‘municar’ de cautela. Lembro-me de um fato que, embora tenha ficado muito empolgado com a sua narrativa, tive de me conter e esperar ouvi-lo muitas vezes. Tratava-se de um ato das crianças fazendo uma manifestação política na porta da prefeitura. O Cabral (12 anos) me contou que “[...] todas as crianças, quando saíram da escola, foram direto para a prefeitura. Oxe! Lá a gente gritava bem alto: “O prefeito comeu a merenda, o prefeito comeu a merenda””. Já tinha percebido que em diversas outras manifestações locais as crianças haviam estado presentes, mesmo quando não vistas ou não contadas pelos organizadores. Embora não tivesse dúvidas de que elas seriam capazes de organizar seus próprios movimentos, para não ser apressado, esperei ouvir ao menos umas seis vezes, incluindo nessas ocasiões tanto as palavras das próprias crianças que estiveram no evento quanto de adultos que as observaram naquela ocasião, uma vez que a dita manifestação aconteceu uma semana antes de minha chegada à Catingueira. Depois observei que um breve relato havia sido publicado em um dos periódicos locais. O responsável pela matéria, no entanto, ouviu apenas a secretária municipal e não incluiu a palavra das crianças, de certo por não ver peso nela⁴.

Por traz de toda descrição etnográfica encontra-se o desejo de se compreender os sentidos do vivido. Logo, a prática etnográfica, embora descritiva, não se resume a uma ação descritiva de tipo qualquer. Enquanto descrição do real, a etnografia, na opinião de Geertz (2008, p. 15): “[...] é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o "dito" num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis”. Não é demasiado pôr em relevo que a descrição etnográfica, embora parta da observação daquele que pratica o método, tem como objetivo compreender e explicar o vivido em sua possibilidade, porém, não necessária e exclusivamente do ponto de vista do pesquisador, mas, sobretudo, a partir do entendimento dos muitos sujeitos envolvidos nos muitos fatos observados.

Além de descritiva e interpretativa, a etnografia é também uma narrativa experiencial, existencial. E nos dizeres de Emilene Sousa (2015, p. 149): “A descrição etnográfica, portanto, exige observação, sensibilidade, inteligência, imaginação, para fazer emergir a lógica própria da cultura que se descreve”. A etnografia é uma elaboração narrada de uma experiência vivida de pesquisa, uma descrição baseada na vida de um povo, de um grupo. Por

⁴ A matéria foi publicada pelo Portal Catingueira em 24 de agosto de 2016. Encontra-se disponível em: <http://www.portalcatingueira.com.br/alunos-protestam-por-falta-de-merenda-escolar-na-frente-da-prefeitura-de-catingueira/>. Acesso 20 de out. 2017.

isso, ela é a organização descritiva textual do vivido, do visível, do sensível, do simbólico e do cultural. Nesse sentido, etnografar é observar, ordenar, classificar, descrever, mas é também intuir para explicar.

A descrição etnográfica é como que a ‘agulha’ que vai ‘remendando’ a vida observada na imensa ‘coxa de retalhos’ que é o social e, ao ‘costurar’, vai tentando encontrar os sentidos em uma narrativa vivida, no ‘colorido’ da existência. Por isso mesmo, ela sabe que não dá para ‘capturar’ tudo, todos os pontos da teia relacional de uma comunidade de uma única ‘peitada’. Ela vai exigir tempo do pesquisador no campo, num indo e vindo quase infinito.

A ETNOGRAFIA É UMA IMERSÃO NA PROFUNDIDADE SOCIAL

Além da descrição interpretativa, outra característica da etnografia é a tentativa de descer ao mais profundo da experiência social de uma comunidade humana. Nesse aspecto é de suma importância a sua técnica mais expressiva, a observação participante. Vale também ressaltar que para etnografia, mesmo quando não ‘larga mão’ de outras técnicas observativas, a clássica observação participante continua válida e aceita, como técnica primordial, por um grupo grande de autores dentro das mais variadas tendências e contextos de investigações em que esse método é praticado. Mas, como assim? Na etnografia se observa e participa? Isso é possível?

Discutindo se é possível observar e participar simultaneamente acrescentarei a seguir alguma consideração. Para Tim Ingold (2016, p. 407): “Observar significa ver o que acontece no entorno e, é claro, também ouvir e sentir”. Assim, os sentidos precisam estar, acredito, bastante ‘apurados’, ‘aguçados’. E nisso já se vê que não se trata de um método que se ‘agarre cegamente’ à superfície ou que se contente apenas com o ficar pelas ‘margens’, que faça uma pergunta e tome a resposta como a solução definitiva para a questão proposta. A observação quer, além de ouvir, também sentir.

Nessa técnica etnográfica, a observação participante, a parte mais problemática talvez seja a compreensão de participação. Embora alguma noção de relação esteja sempre presente nos empreendimentos acadêmicos, é bom lembrar que trazemos das ciências uma noção muito mais ‘apurada’ de separação, de não ‘misturamento’ sujeitos/objetos etc. A lógica mais preconizada, ainda hegemônica, mas não única, é aquela em que o observador olha por meio dum microscópio, ver através de um vidro, escuta a voz gravada sem interferir, observa registros grafados ou fotografados, mesmo quando foi ele quem formulou a indagação que ocasionou a sua compreensão. Na etnografia isso muda um pouco de figura. Conforme Tim Ingold (2016, p. 407) “Participar significa fazê-lo a partir de dentro da corrente de atividades através da qual a vida transcorre, concomitante e conjuntamente com as pessoas e coisas que capturam a atenção que se dispensa a elas”. Disso dá pra sentir que a etnografia, inclusive, gosta e se alimenta do contraditório, da pluralidade, da complexidade, da dificuldade de entender o dado posto como óbvio, porque lida diretamente com a vida humana, vida humana que não se reduz, que não se cala, que não para de mudar, que está continuamente avessa ao prefixado. Participar, do ponto de vista da

pesquisa etnográfica e da técnica de observação participante, é entrar em movimento humano e, a partir dele captar os sentidos e direções desse mesmo movimento humano.

Nessa tentativa de entrada no movimento profundo de um grupo, mirando o vivido a partir de dentro, lembro-me do trabalho instigante de Gustavo Belisário (2016), num empreendimento que buscou apreender os motivos pelos quais a representante de classe de uma escola de Brasília era chamada de fofqueira pelas demais crianças, e acabou percebendo, por sua imersão no universo da fofoca, um modo de funcionamento político ao redor do grupo infantil, com negociações, barganhas, seletividade, proteção e estabelecimentos de relações recíprocas, reverberando, inclusive, para fora do controle do grupo adulto da escola. Penso também na expressão ‘meninos danados’, a qual venho tentando desvelar em meu trabalho, que se evadia da fala corriqueira dos adultos de Catingueira como acusação aplicada às crianças e que tem me dito tanto, após longa meditação, inclusive que ela aponta para um modelo de infância no Sertão nordestino e paraibano.

Como afirma Montoya Uriarte (2012, p. 174): “O método etnográfico consiste num mergulho profundo e prolongado na vida cotidiana desses outros que queremos apreender e compreender”. Nessa ação, a compreensão pessoal do investigador, sem sombra de dúvidas, é valioso elemento do discurso que será construído. Mas é preciso não perder de vista que o outro que o pesquisador observa pode compreender-se melhor em muitos aspectos, melhor ainda do que qualquer pesquisador imagina, mesmo quando este não se comunica em linguagem acadêmico-formal. E como o mergulho etnográfico quer saber do outro, do ponto de vista do outro, é isso que muito importa para esta abordagem.

Também para Corsaro (2009, p. 85): “A maioria dos etnógrafos defende a “observação participante”, que é sustentável e comprometida, e requer que o pesquisador não apenas observe repetidamente, mas também participe como um membro do grupo”. A etnografia aceita que o pesquisador inclusive resida na casa daqueles que serão seus sujeitos/objetos de estudos, desde que isso seja eticamente negociado. Aliás, esse foi o caso de pesquisas realizadas em Catingueira, tentando compreender melhor as questões que envolviam crianças, famílias, consumo, condicionalidades, repasse de verba do programa bolsa família (SOUZA, 2013; SANTOS, 2011; J. SILVA, 2013). De minha parte conto com duas experiências distintas, tendo numa ocasião residido numa casa alugada e, na outra circunstância, tendo compartilhado uma casa já habitada. Para a etnografia é justo na interlocução que o dado emerge e se configura, e não me importa se essa interlocução vai se dar de maneira amistosa, com menor ou maior grau de conflito de interesses no campo.

Na imersão etnográfica, uma palavra, um som, um gesto, não podem passar despercebidos. Se isso ocorrer, com frequência regular, como se fosse a norma, os dados podem ficar completamente ‘perdidos’ e a tessitura da ‘teia relacional’ observada não se ‘emenda’. Por isso, costumo ouvir várias vezes, perguntar de novo, interpelar, voltar ao tema, até o momento de silenciar para entender. De modo que quando veiculo uma informação, além da minha própria ‘peneira’, porque afinal ela sairá da minha pena, sempre que possível ela tem passado pelo crivo de vários pensadores locais. Nesse sentido penso como Salgado (2015, p. 28): “A etnografia é igualmente multivocal, procura-se sempre registrar as várias interpretações e formas de agir dos vários agentes, um imperativo para a observa-

ção participante”. Aliás, com relação às entrevistas que fiz, ao final, se a pessoa não era alfabetizada, eu ‘rodava’ a gravação, reproduzindo o áudio para que ela a ouvisse. Se a pessoa era escolada, eu enviava a transcrição pelo correio-eletrônico. Quantas vezes ouvi mais acréscimos, mais complementação, ou expressão meio abismada: “Eu falei desse tanto de página? Que trabalho te dei”. Ainda julgo que tanto no caminho da produção dos dados quanto no processo de interpretação os pensadores locais têm muito como ajudar e, como são autoridade no seu vivido, talvez possam colaborar ainda mais destacadamente do que os livros, as teorias e a inventividade do pesquisador. É claro que ao dizer isso não estou perdendo de vista os autores, os livros e as teorias. Sei bem que eles ajudam a fundamentar, explicar, questionar, refletir, contextualizar as vivências tanto dos pesquisadores, dos pensadores locais e de toda comunidade do lugar.

A ETNOGRAFIA É TAMBÉM TRADUÇÃO E REFLEXÃO...

O etnógrafo esteve no campo e enxergou as coisas acontecendo *in loco*, por isso deve contar a partir daquilo que viu. Sua atenção esteve todo tempo voltada para modos de vida, organização política, ambiência social, sistemas de parentescos, religião etc. Contudo, mesmo não negando o dado a partir do qual se fala, é importante ressaltar que a descrição parte da observação daquele que pratica a etnografia participando dela. A descrição feita, em derradeira instância, é palavra de pesquisador e não fala pura e simples de sujeito observado, participante e colaborador. Assim, não só o *bônus*, mas também o *ônus*, ambos acabam recaindo sobre os ‘ombros’ do pesquisador e redator do texto final. Por isso, a descrição etnográfica feita pelo pesquisador é concomitantemente tradução e reflexão sobre o visto e acerca do vivido. Por isso, como dizem Cunha e Ribeiro (2010, p. 10): “No momento da transcrição dessa construção realizada, ele deve ter o papel de tradutor da realidade na qual se inseriu para uma compreensão inteligível às demais culturas”. É possível que o etnógrafo nem consiga ver todas as coisas na hora em que está participando da observação. Porém, mais tarde, no silêncio de sua ‘oficina de escrita’, ele perceberá que traduzir e refletir sobre a experiência será uma necessidade.

Para Ferreira (2014, p. 384): “Como prática de escrita e de pesquisa, a etnografia supõe a tradução interlingual como condição quase que *sine qua non*, já que, na maioria das vezes, o etnógrafo trabalha com populações que não falam a mesma língua que ele”. E como ainda sugerem Cunha e Ribeiro (2010, p. 10): “Deve haver esse domínio da língua nativa para que não haja problemas de interpretações e para que a compreensão dos fenômenos sociais e culturais dos nativos possa ser mais bem entendida”. Concordo com os pensadores acima citados, mas acrescento que não somente nos casos em que a língua falada é diferente. Entendo que até quando se fala a mesma língua é possível que muito da linguagem comportamental usual careça de tradução. Assim tive de perguntar o que significavam as expressões ‘trabalho alugado’⁵, ‘voto cruzado’⁶, ‘menino danado’⁷. De fato, embora

⁵ Nessa modalidade de trabalho alugado, o trabalhador não é o dono das terras ou dono do roçado. Ele se deixa contratar por um preço “X”. O contratador pode optar por empreitar todo o serviço do roçado ou poder pagar por dias

falante da mesma língua, essas expressões não pertenciam ao meu universo profissional e vocabular e várias outras que eu conhecia não eram empregadas por mim com a mesma força comunicativa, com a mesma maneira argumentativa ou com o mesmo significado. Recordo-me também do quão espantoso era, inicialmente, ouvir os inúmeros palavrões proferidos por adultos homens ao redor do campo de futebol catingueirense, sobretudo, porque havia sempre crianças nele (SILVA, 2013; SILVA, 2015), da mesma forma, me deixou meio estupefato ouvir fartamente discussões a respeito da sexualidade proferida pela boca das crianças.

No que diz respeito às questões da sexualidade, penso que a tradução assumiu uma enorme relevância na pesquisa etnográfica por mim praticada, sobretudo quando considero que estava ouvindo aquelas coisas mais íntimas a respeito da sexualidade ao redor das crianças e também das próprias crianças numa cultura nacional muito marcada por conservadorismos de todos os tamanhos e de diversas matrizes políticas. Além disso, hoje está claro, não posso esquecer-me de que a pesquisa se desenvolveu no Sertão, numa região estigmatizada pelo imaginário secular do Brasil, imaginário do qual eu também fazia parte. Não dava apenas para descrever aquelas cenas todas sem uma tradução e sem um pensar mais demorado sobre elas, sem sequer uma ‘nota de rodapé’ adicional. Se isso fizesse, com certeza imprimia nela um caráter que não era o que as crianças estavam lhe dando.

A etnografia é a tradução descritiva de uma experiência vivida. Ela descreve e traduz, refletindo sobre a vivência de um grupo vivo. Essa tradução descritiva, feita completamente fora de seu contexto, poderia parecer uma ‘aberração social’. Aquele que etnografa não deve, portanto, se assustar antecipadamente ou ao primeiro olhar. É importante procurar não fazer juízo de valor apressado. Diria até que é necessário um esvaziamento de alguns valores pessoais mais arraigados.

Nesse sentido a tradução tem de ser feita de maneira relacional e empática. “O traduzir é uma relação que mantemos com outrem, o outro do discurso, e se caracteriza por isso como diálogo” (FERREIRA, 2014, p. 386). A tradução é um diálogo interlingual e interpessoal. Pacientemente, o outro precisa dizer mais para que o pesquisador, na pressa, não pratique contra ele uma traição. Nesse sentido, a tradução etnográfica é, para além da descrição e da interpretação, também reflexão.

A ETNOGRAFIA É UM ENGAJAMENTO SOCIAL

Como pensam Bussab e Santos (2009, p. 109): “Uma característica central da etnografia

trabalhados. O trabalho alugado é também considerado por muitos como uma das piores formas de trabalho para quem sobrevive da agricultura, trabalha-se muito, paga-se pouco, o que acaba sendo, muitas vezes, algo bastante humilhante para aquele que ‘vive do suor de seu rosto’.

⁶ Em Catingueira, no período eleitoral, também nomeado ‘tempo da política’, o voto cruzado ocorre quando a mulher vota num partido e o marido em outro. Ou quando uma família vota no prefeito de uma chapa e nos vereadores da outra, ou quando os filhos votam em candidatos que não são os de seus pais.

⁷ Nesse caso porque o comportamento das crianças acusadas de danadas, nem de longe, era de peraltices, distúrbios sociais, etc. Eram apenas meninos independentes, que como os demais membros da comunidade pesquisada se viavam como bem podiam, não esperando que os poderes constituídos lhes dessem as coisas.

é a participação ativa e direta do pesquisador no cotidiano do grupo observado: ele se aproxima, é envolvido e envolve-se com o grupo social”. Dificilmente alguém conseguirá estabelecer com real clareza o gigantismo político da proposta etnográfica, cuja ‘imposição’ metodológica exige a inserção do pesquisador em uma comunidade, ‘obrigando-o’ a viver entre as pessoas em todas as possíveis situações, ‘misturando-se’ na vida daqueles que até então lhes eram desconhecidos.

Talvez também por isso, desde sua mais remota origem, a etnografia tem sido um método de pesquisa de campo que ‘debanda em fuga’ o padrão, o pré-fixado, o usual, a assepsia intelectual estabelecida em ‘arremedos’ de neutralidade. Nela, seria uma ilusão manterem-se afastadas realidades tão próximas e tão ‘contaminadas’. E mesmo que isso não a exima da necessária seriedade acadêmica, devo dizer que nesse sentido, para além das técnicas, a etnografia é feita de gente, de vida, passada ou presente. É feita de envolvimento afetivo.

Depois de estar em campo o pesquisador não é mais o mesmo. Seu envolvimento, afetivo e efetivo, se transforma naquilo que Jeanne Favret-Saada (2005) indicou como “ser afetado”. É como o mergulhar em um rio, não dá para ‘varar’ fora dele completamente enxuto. Em meu caso específico, em situações cotidianas ser confundido com eleitor do PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro – para minha preferência política atual seria uma ofensa. Na ocasião da pesquisa pareceu-me que a situação se afigurava bem outra. Seguindo as passeatas, com os votantes locais, mesmo que me esforçasse para não ‘dar ou segurar bandeiras’, muitas vezes, influenciado de certo pela gritante adesão das crianças, me peguei convencido de que, no pleito de 2016, Dr. Odir Borges seria o prefeito ideal para Catingueira. Aliás, das cantigas da campanha do PMDB eu conhecia várias. Muitas vezes, parava meu trabalho quando o carro de som passava e inclusive aproveitava para escrever as canções do partido.

O estar presente, mais demoradamente, no mundo pesquisado é uma obrigação que sempre terá consequências, benéficas ou de outras ordens, para o pesquisador individualmente, para os participantes e para a própria comunidade pesquisada. A etnografia não separa o pensamento da ação, a reflexão da intervenção, o teorizar do praticar, o pensar do agir, enfim, ela não se obriga a esfacelar o viver do pesquisar. Durante o trabalho de campo, como afirma Hélio Silva (2009, p. 186): “O observador encontra-se em ação. Seu trabalho não é contemplativo, é interacional. Encontra-se em ação, está situado e se desloca. Interage, na ação e como interlocutor”. De fato, a separação que ocorre na escrita etnográfica, cujo objetivo é apresentar os processos e os procedimentos em campo, refletindo sobre eles, assume apenas caráter pedagógico e didático.

Penso ainda que o caminho do engajamento etnográfico não é de mão única. As pessoas dão muito de si ao pesquisador e exigem bastante dele. As pessoas e o próprio campo influenciam o pesquisador. Como diz Marisa Peirano (1995, p. 23): “As impressões de campo não são apenas recebidas pelo intelecto, mas têm impacto sobre a personalidade do etnógrafo”. Muitas vezes fui chamado para subir à Serra da Catingueira ou para olhar um açude, ou para tomar banho de piscina, ou para um cafezinho. E isso era como dizer: “Pode entrar na vida da gente”. Mas o retorno também era exigido. Voltando ao tempo da

campanha, além de ter sido confundido como um fervoroso eleitor do candidato a prefeito Dr. Odir Borges, em 2016, ou como cabo eleitoral de um determinado candidato a vereador em Catingueira, não conto as vezes em que fui solicitado a emitir minha opinião sobre isto ou aquilo tanto para o ‘tempo da política’ quanto para a vida ordinária e futura do município. Embora me esforçasse apenas para ouvir, sabia e sei que não é usual um pesquisador ficar inerte ou socar-se numa ‘redoma’ estando num campo etnográfico. Assim, nessa ação, seria impossível a não intervenção. Aliás, partindo de entendimento semelhante para a prática de pesquisa qualitativa, embora não se referindo à etnografia, afirmam Zanella e Sais (2008, p. 685): “[...] toda pesquisa é uma intervenção, posto que ali se recriam sujeitos, conhecimentos e a própria realidade”.

Em minha primeira pesquisa em Catingueira (SILVA, 2013), ainda montado no modelo de pesquisar para depois intervir, fiquei bastante frustrado por não poder dar nenhuma devolutiva à população. Aliás, acreditava que a intervenção deveria se dar melhor na última fase. Havia me disposto a voltar à cidade para fazer conversas com conselheiros tutelares. Ofereci-me a um vereador que havia sido secretário de governo em gestões anteriores, prometi-lhe que voltaria à cidade às minhas custas. Ele apenas elogiou-me e ‘pôs uma pedra em cima’ da conversa. Tendo visto uma imagem muito distorcida a respeito do Conselho Tutelar, embora de minha parte fosse pretensioso, imaginei que talvez conversando pudesse ajudá-los a reformulá-la no imaginário local.

Passada a desolação do não ter podido contribuir do modo tradicional, comecei a perceber que a cada vez que voltava à Catingueira e encontrava antigos participantes da pesquisa a conversa fluía de onde havíamos parado, frequentemente com mais qualidade, com ideias novas.

Em minha segunda pesquisa, observei que um determinado candidato incluiu as crianças mais fortemente em seu discurso final após uma longa conversa que tivemos a respeito de minha pesquisa no município. Embora nada lhe tenha pedido ou conscientemente sugerido, ele próprio se dispôs a tomar o partido delas, inclusive reconhecendo que elas estavam a fazer campanha em seu favor. Contou-me que uma das mães lhe disse: “Se meu filho votasse, o voto dele seria seu”. E ele perguntou à mãe: “Depois de Deus, quem é a pessoa que você ama mais neste mundo?” Aquela mãe, sem pestanejar, respondeu: “meu filho”. E ele entoou: “Então faça o que ele lhe pede nessa eleição”. Como se diz no país inteiro, “para o bom entendedor...”. Aquele candidato, fortemente identificado com a juventude, pleiteando em seus discursos políticas públicas para elas, tais como transporte escolar universitário e políticas de esportes, não havia percebido a bandeira das crianças. E se tinha percebido, foi somente a partir daquela conversa que ele as incluiu em seus discursos, levando-as ao palanque final.

Além disso, ouvi de uma pessoa da comunidade uma observação que me deixou emocionado, nela ela me agradecia por ter ouvido sua opinião. “A gente fica muito isolada nesse Sertão, muitas vezes preocupada com as nossas coisas, e não tem com quem discutir ou partilhar as nossas questões a respeito da nossa própria cidade”. E arrematou: “Você não tem noção do quanto essa nossa conversa me fortalece” (Zaira, 37 anos). A intervenção etnográfica, por seu engajamento no viver social, dá-se, inclusive, fora do controle do pes-

quisador. Tem razão Hélio Silva (2009) quando diz que o etnógrafo só pode estar em campo modificando-o por sua presença. E como refletem Zanella e Sais (2008, p. 685): “Toda pesquisa transforma tanto o pesquisador quanto as pessoas com as quais trabalha no processo de produção de conhecimentos, assim como seu produto, uma vez publicado, torna-se público, apresenta-se como dispositivo a deflagrar diálogos e intervenções outras”.

A ETNOGRAFIA É MÉTODO, PROCESSO E PRODUTO INTELECTUAL

Quando se fala de etnografia é preciso que esteja subentendido, concomitantemente, o método e seu conjunto de técnicas, o processo feito durante a investigação e o produto final.

No método está a vivencialidade capturada por técnicas tais como diário de campo, observação participante, fotografias, filmagens, entrevistas que são as técnicas mais conhecidas do fazer etnográfico. Mas ao lado delas, outras técnicas têm sido acrescentadas, como o grupo focal, desenhos infantis e as visitas domiciliares, por exemplo, como realizados em Catingueira – PB, por vários pesquisadores (SOUZA, 2013; SANTOS, 2011; J. SILVA, 2013).

No processo etnográfico há que se atentar para o discurso, para a representação e para a ação de todos os sujeitos envolvidos. É bem verdade que entre o discurso e a ação, representada ou raciocinada através de um relato verbal, há muito que se garimpar. Assim, partindo do real, o processo etnográfico tem de dar conta, se possível, daquilo que fica subentendido. Mas deve-se logo dizer que muitas coisas, muitos sentidos ficam perdidos. Pois mesmo que se entenda a existência em campo como um ‘texto’ que pode ser lido e interpretado, nem sempre a ação humana encontra-se escrita numa linguagem de todo compreensível. Aliás, as muitas perguntas do pesquisador e também as arguições dos participantes já indicam que nem tudo se pode compreender como bem se quer. Até porque os próprios sujeitos do campo nem tudo conseguem ou querem dizer. E isso pressupõe uma negociação, uma aproximação processual, que se desenrola numa ‘liturgia social’ mais lenta.

No produto etnográfico final devem aparecer a vida, o campo da investigação, o que as pessoas falam e aquilo que elas pensam sobre o que dizem que fazem, bem como toda movimentação do pesquisador, suas incursões, seus discursos, suas explicações, sua escuta, sua mirada, seu modo de viver em campo.

Apesar de ser um tanto provocativo afirmar que a etnografia é um processo que resulta num produto, esse arrumado não parece ser de todo problemático. Muito mais, problemático, me parece, é aceitá-la como método. E, de fato, se o prisma é o método como costumeiramente se pratica nas ciências, sobretudo dentro de uma noção armada na ciência *hard*, devo concordar com Mariza Peirano (2014) quando assegura que a etnografia não é um método, ao menos não o é no sentido tradicional que se impõe a essa palavra na direção das ciências experimentais. Pois para a referida autora “[...] o método etnográfico implica a recusa a uma orientação definida previamente” (PEIRANO, 2014, p. 381). Ele aceita conviver com a insegurança, com o desafio, como deveria fazer toda a vida acadêmica. Também para Diana Milstein (2015, p. 194): “O mundo das incertezas nos atravessa como

um modo de fazer as coisas e a investigação é um mundo de perguntas repleto de incertezas. Não só o da etnografia, mas o de qualquer investigação”.

Ao chamar a etnografia de método, não posso perder de mente que se trata de um método/caminho que se faz ou sofre adaptações no processo. Não estou dizendo que se vai ao campo de mãos abanando. Quando se prepara para sair de casa, o investigador coloca em seu ‘matulão’ todas as ‘tranqueiras’ e pequenas ‘ferramentas’ ou técnicas que andam ao redor do método etnográfico: o caderno de campo, o gravador, a máquina fotográfica, o computador, o roteiro da entrevista, o pré-projeto, o roteiro de ação etc. Mas não há nenhum um único indicativo de que isso funcionará do modo pré-programado. Como asseguram Matias e Francischini (2010, p. 245): “A complexidade da experiência etnográfica, função de suas próprias características, cria a necessidade de sensibilidade e certa plasticidade psicológica para o trabalho de campo [...]”. E nesse sentido costumo dizer que a etnografia não apenas é processo, mas se faz no processo investigativo. É sempre um caminho que se faz caminhando. Ou ainda como dizem os acima citados autores, Matias e Francischini (2010, p. 246): “Por isso, é desejável que o pesquisador não assuma posições fixas diante da incerteza e complexidade das formas de interação social no campo de pesquisa”.

Assegurando ser a etnografia um método flexível e autocorretivo, afirma Corsaro (2009, p. 87): “É impossível para o pesquisador saber de antemão como formular perguntas de entrevista que serão aplicadas a participantes cujas normas de comunicação diferem das suas”. O campo etnográfico é, por natureza, o lugar das incertezas.

Em campo, no que tange ao método etnográfico, tudo pode mudar. Em minha primeira pesquisa em Catingueira, no ano de 2012, (SILVA, 2013), meu planejamento era o de seguir o Conselho Tutelar, porém, não foi possível porque este estava vacante. Programei-me para ir às escolas, contudo, o ano letivo iniciou-se com quase um mês de atraso, já no final de fevereiro, quando eu não poderia ficar mais em campo. Assim se a etnografia é método, no processo ela se transforma muito mais num ‘espírito’, numa abertura sensível ao outro e à sua vida, numa disposição para aceitar e se compreender as adversidades. É um convite permanente à criatividade. Aliás, como já constataram Martins Filho e Barbosa (2010, p. 21): “[...] a etnografia contribui para estabelecer maneiras criativas de contato e interação com os sujeitos investigados”. Não só com os sujeitos do campo, mas com as situações trazidas pelo campo. E esse processo é também um esforço que pode ser conseguido ou não.

Sim, e o final? O método etnográfico se mostra no processo de uma pesquisa que resulta num produto intelectual bastante lapidado. Esse produto pode ser expresso tanto sob um formato acadêmico quanto sob uma moldura mais artística. Pode ser relatório, livro, artigo, monografia, dissertação, tese ou se revelar num filme, documentário, ensaio fotográfico, pintura...

ALGUMAS PALAVRAS PARA FINALIZAR

A etnografia, saindo dos ‘muros’ antropológicos, tem feito um processo longo, o que

tem culminado em sua inserção em vários campos disciplinares. Trata-se de um método de natureza qualitativa com contribuições às ciências sociais e humanas, com histórias, com características marcantes, cuja imposição principal leva o pesquisador a experimentar uma imersão na profundidade da vida social do grupo pesquisado. E talvez aqui seja importante reconhecer que nesse método, como afirmam Hammersley e Atkinson, (2008, p. 34): “O investigador ou a investigadora são o instrumento de investigação *par excellence*”. Em sua prática metodológica ele se obriga a refletir, traduzindo a vida, estando submerso nos modos culturais pesquisados a partir de um engajamento bastante consequente ou que apresenta consequências positivas e/ou de outras ordens tanto para o investigador quanto para o grupo investigado.

A prática da etnografia não trabalha, necessariamente, de modo linear ou de forma hierarquizada em suas construções e roteiros preconcebidos. O pré-planejado pode não corresponder. E, se há alguma hierarquização, esta se dá a *posteriori*, na arrumação/construção dos dados e achados, sendo meramente de natureza didática. Além disso, o etnógrafo não sai a campo para testar uma hipótese, porque isso não faz o menor sentido para esse método. Mas, a seu modo, a etnografia faz aproximações sutis e pacientes às mais diferentes situações do viver. E o campo, muitas vezes, ‘enchiqueira’ o pesquisador, como a lhe dizer: ‘olhe para esta direção’, ‘inclua este ou aquele fato’, ‘ali está acontecendo algo interessante’. Talvez aí esteja a indicação dos grandes etnógrafos, no sentido de fazer com que os novos pesquisadores enveredem pela busca da rede de conexões, da descrição densa, do viver em campo, ao menos por um tempo, da tentativa de comer da comida do outro, do viver um pouco da vida do outro, a partir do outro e não somente a partir do pesquisador.

Ao término do percurso a etnografia emerge como método, processo e produto intelectual.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. **Encontros Etnográficos: interação, contexto, comparação**. Tradução de Bruno C. Cavalcanti; Maria S. T. B. Limeira; Yann Hamonic São Paulo: Ed. Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.
- BELISÁRIO, Gustavo. Entre representantes e fofoqueiros. **Política & Trabalho**, nº 45, Julho/Dezembro, p. 359-372. 2016.
- BOGOSSIAN, Thiago. O treinamento do olhar etnográfico: relações de gênero entre crianças. **Desidades**. Número 15. Ano 5, abr-jun. 2017.
- BUSSAB, Vera S. R.; SANTOS, Ana K. Reflexões sobre a observação etnográfica: a cultura de pares em ação. In.: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana M. A. (Orgs.). **Teoria e Prática na Pesquisa com Crianças: Diálogos com Willian Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 104-114.
- CERLETTI, Laura. Enfoque etnográfico y formación docente: aportes para el trabajo de enseñanza. **Pro-Posições**, vol.24, n.2, pp.81-93, 2013.
- CLIFFORD, James. **A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Trad.

José R. S. Gonçalves. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.

CORSARO, Willian A. Métodos etnográficos no estudo da Cultura de pares e das transições iniciais na vida das crianças. In.: MULLER, Fernanda; CARVALHO, Ana M. A. (Orgs.). **Teoria e Prática na Pesquisa com Crianças: Diálogos com Willian Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 83-103.

CORSO, Kathiane B.; CAVEDON, Neusa R.; FREITAS, Henrique. Mobilidade espacial, temporal e contextual: um estudo de inspiração etnográfica sobre o trabalho móvel em shopping center. **Rev. Adm. UFSM**, Santa Maria, v. 8, número 1, p. 141-156, marc. 2015. Doi: 10.5902/198346597242.

CUNHA, Júlio A. C.; RIBEIRO, Evandro M. S. A Etnografia como Estratégia de Pesquisa Interdisciplinar para os Estudos Organizacionais. **Qualit@s Revista Eletrônica**. Vol.9. No 2. 2010. FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo** (São Paulo, 1991), 13(13), 155-161(2005).

FERREIRA, Alice M. A. O paradigma da descrição na tradução etnográfica: Levi-Strauss tradutor em Tristes Tropiques. **Acta Scientiarum. Language and Culture** Maringá, v. 36, n. 4, p. 383-393, Oct.-Dec. 2014.

GEERTZ, Clifford. "Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura". In **A interpretação das Culturas**. 1ª ed. 13ª reimp. Rio de Janeiro, RJ: LTC. 2008, p. 3-23.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. **Etnografía. Métodos de investigación**. 2ª Ed. Barcelona, Buenos Aires, Mexico: Paidós, 2008.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. **Educação** (Porto Alegre), v. 39, n. 3, p. 404-411, set.-dez, 2016.

LAGE, Giselle C. Revisitando o método etnográfico: Contribuições para a narrativa antropológica. **Revista Espaço Acadêmico**, nº 97, junho, 2009.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

MARTINS FILHO, Altino. J; BARBOSA, Maria Carmem. S. Metodologias de pesquisas com crianças. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.18, n2, p.08-28, jul./dez, 2010.

MATIAS, Hugo J. D.; FRANCISCHINI, Rosangela. Desafios da etnografia com jovens em situação de rua: a entrada em campo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 23(2), 243-252 (2010).

MATTOS, Carmem Lúcia G. A abordagem etnográfica na investigação científica. Em Mattos, C. L. G. & Castro, P. A. (Orgs). **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, pp. 49-83, 2011.

MILSTEIN, Diana. Etnografía con niños y niñas: oportunidades educativas para investigadores. **Espacios en blanco. Serie indagaciones**, 25(1), 193-212 (2015).

MONTOYA URIARTE, Urpi. Podemos todos ser etnógrafos? Etnografia e narrativas etnográficas urbanas. **Redobra**, Salvador, n.10. 2012.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PEIRANO, Marisa. O paradoxo dos documentos de identidade: Relato de uma experiência nos estados unidos. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 53-80, jul./dez, 2009.

- PEIRANO, Marisa. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez, 2014.
- PEREIRA, Gardênia Tereza J.; SANTOS, Patrícia Sinara G. Antropologia e método etnográfico: uma contribuição para a compreensão das culturas. **Temática**, Ano XI, n. 10. Outubro, p. 151-159, 2015.
- RAMOS, Marise N. O estudo de saberes profissionais na perspectiva etnográfica: Contribuições teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.30, n.04. p.105-125, Outubro-Dezembro, 2014.
- RANGEL, Mary. Métodos de Ensino para aprendizagem e a dinamização das aulas. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- SALGADO, Ricardo S. A Performance da Etnografia como Método da Antropologia. **ANTROPOLÓGICAS**, nº 13, pp. 27-38, 2015.
- SANTOS, Patrícia O. S. Deixa eu Falar! Uma análise antropológica do Programa Bolsa Família a partir das crianças beneficiadas do alto sertão paraibano. (Monografia) - Departamento de Ciências Sociais, UFPB, João Pessoa, 2011.
- SILVA, Hélio R. S. A situação etnográfica: andar e ver. **Horizonte Antropológico**. Porto Alegre, v. 15, n. 32, p. 171-188, Dec. 2009.
- SILVA, Antonio L. **Pelas Beiradas: Duas décadas do ECA em Catingueira**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.
- SILVA, Antonio L. Agonias dum pesquisador numa abordagem envolvendo crianças: reflexões advindas de Catingueira - PB. **Revista de Psicologia da UNESP**, 13(1), 86-97, 2014.
- SILVA, Antonio L. Ao som dos “palavrões e nomes feios”: A inserção das crianças no universo do futebol amador em Catingueira – PB. **Esporte e Sociedade**. Ano 10, n 24, Março, 2015a.
- SILVA, Jessica Karoline R. As diferentes práticas de consumo entre meninas e meninos no Semiárido Nordeste. **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10**. Florianópolis – SC, 2013.
- SOUSA, Emilene L. As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. **Iluminuras**, Porto Alegre, v. 16, n. 38, p.140-164, jan./jul. 2015.
- SOUZA, Edilma N. O Programa Bolsa Família e a Condicionalidade Escolar: o que falam as meninas e os meninos de Catingueira (PB) sobre uma política pública. **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10**. Florianópolis – SC, 2013.
- SOUZA NETO, Arlindo; AMARAL, Polyanny L. Os imponderáveis da etnografia religiosa: uma análise sobre o trabalho etnográfico no campo da religião. **MNEME – Revista de Humanidades**, 11(29), Jan/Julho, 2011.
- VERONESE, Marília V.; GUARESCHI, Pedrinho A. Hermenêutica de Profundidade na pesquisa social. **Ciências Sociais Unisinos**, 42(2):85-93, maio/ago, 2006.
- ZANELLA, Andréa V.; SAIS, Almir P. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. **Análise Psicológica**, 26(4), 679-687, 2008.